

04-03-2022

**SOBRE A OBVIDADE DO ÓBVIO****Marcia Cristina Hizim Pelá**[Presidenta da Associação Cultura Cidade e Arte.  
Membro do Dona Alzira. Doutora em Geografia Unifan]

Uma das memórias mais marcantes que tenho da minha infância é a de minha avó materna duvidar de que nós, seres humanos, conseguimos chegar à Lua. Para ela, apesar das imagens televisivas e de todas as informações sobre essa façanha alcançada pela ciência e pela tecnologia, esta história era inconcebível e, por isso, uma grande mentira. Afinal, os conhecimentos a que teve acesso e que foram adquiridos durante a sua aguerrida trajetória de vida - de mulher, migrante e síria que tinha tripla jornada de trabalho, entre cuidar do comércio, dos afazeres domésticos e dos filhos -, não lhe possibilitavam sentir ou perceber os efeitos imediatos desse feito científico. Hoje, se ainda estivesse viva, talvez o denominaria de *fake news*. O interessante é que, dialeticamente, ela amava adquirir todas as novidades tecnológicas que eram lançadas nos idos das décadas de 1970 a 1980. Recordo-me de que, no sobrado onde morava, na Avenida Anhanguera, em Goiânia, o velho e bom forno à lenha, que assava os seus divinos pães sírios, conviveu por anos com as aquisições e trocas das novidades que a indústria e o mercado de eletrodomésticos e mobiliário ofertavam. Até o forno à lenha, anos depois, foi substituído por um elétrico. O novo e o moderno sempre a atraíram, pois representava prosperidade, melhoria de qualidade de vida, entre tantas outras significações que a égide da modernidade incutiu em nossa sociedade. No entanto, apesar de a tecnologia ser o seu objeto de desejo, o fato é que a ciência como conhecimento - e, por isso, uma das formas de conceber e compreender o mundo - não tinha muito sentido em seu cotidiano de vida. Contudo, esta falta de sentido não significava que a ciência e suas descobertas não estavam presentes em sua rotina de vida. Muito pelo contrário, mesmo sem ter perceptibilidade, ela, minha saudosa avó, a utilizava desde as preparações de suas deliciosas comidas até os negócios que fazia no armazém da família. O que se pode deduzir desta situação é que a ciência, mesmo presente em seu dia a dia, não fazia parte de suas reflexões, tampouco a abalava ao ponto de transformar algumas de suas crenças e tradições. Por isso, a dúvida e a negação ao feito científico faziam parte de suas narrativas e passaram a ser uma das suas possibilidades de “compreensão” do mundo e até mesmo de sua existência. Arrisco-me a dizer que uma das origens da não percepção do sentido da ciência em sua existência está nas heranças da ciência positivista que criou e disseminou as dicotomias entre o corpo e a mente, o sentir e o pensar, a sociedade e a natureza, enfim, entre a ciência e o cotidiano. Esta concepção encarnou e ainda encarna desde narrativas políticas e midiáticas até processos educacionais. Aliás, esta é uma das estratégias utilizadas para a dominação e a perpetuação de poder.

.....

Basta ver o alcance e, conseqüentemente os danos, das falácias disseminadas por pseudocientistas durante a pandemia de Covid-19 provocada pelo coronavírus. Baseados em uma prática hipotética e indutiva, que elimina o processo de testes, dados e comprovações tão necessárias ao método científico que tem compromisso com os fatos reais, abasteceram de argumentos os políticos e os representantes da necropolítica. Aqui no Brasil esta tática perversa e inescrupulosa é utilizada pelo governo federal desde o início da pandemia. E o intuito é claro: confundir e ludibriar a população, por meio de falsas notícias, para garantir a perpetuação do poder. Para eles o poder está acima da vida, da realidade e da constatação científica. Esta última aponta, por meio de várias pesquisas que são comprometidas com a vida humana e o fato real, que das mais de 600 mil vidas que foram ceifadas no país em decorrência da Covid-19, principalmente as que ocorreram neste ano de 2022 entre os que não se vacinaram, poderiam ser evitadas. Por isso é preciso denunciar, lutar e enfrentar estes produtores e disseminadores da miséria humana.

Popularizar a ciência comprometida com a vida de toda a humanidade sem distinção de classe social, gênero, etnia e religião, é um dos caminhos. Certamente, assim poderemos ter argumentos e base social para enfrentar esse projeto perverso que está em curso em nossa sociedade. Projeto este que escamoteia a verdade de que a CT&I [Ciência, Tecnologia e Inovação] é uma área estratégica e indispensável para que tenhamos um país pujante, forte, produtor de conhecimento, diverso e, acima de tudo, que proporcione o crescimento intelectual, cultural, econômico e científico da população brasileira de forma equânime. Darcy Ribeiro, no início da década de 1970, no artigo *Sobre o óbvio*, fala que a crise educacional brasileira, na época, não era uma crise, mas um projeto minuciosamente calculado que tinha como objetivo a derrocada da escola pública e, em consequência, a transformação da educação em um privilégio. Segundo sua análise, este projeto de destruição do sistema público de educação, a ele tão óbvio, não era percebido pela maioria da população brasileira. Mais de 50 anos se passaram desde então e me parece que, ao longo desse período, apesar de ter sido construída uma estrutura robusta e produtiva de CT&I no país, ainda estamos com o velho problema de explicar a obviedade do óbvio.

Por esta razão, o não entendimento da ciência e de seus impactos no cotidiano de vida não são uma particularidade só de minha avó, que hoje, se estivesse viva, estaria com aproximadamente 115 anos. Esta é uma realidade que ainda persiste em nosso país, fruto de falsos paradoxos que envolvem e fragmentam a ciência da vida cotidiana. É passada a hora de criarmos um projeto nacional de CT&I que esteja a serviço da classe trabalhadora brasileira. Que pense no desenvolvimento para além das *commodities*. Que tenha em seus princípios a conexão entre conhecimento e saber; a popularização da ciência; a dignidade humana; e, acima de tudo, a distribuição equânime das riquezas, sejam elas materiais ou imateriais.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.